

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARCELLO LIBERATO DE MACEDO MONTEIRO

RESSURREIÇÃO SIMBÓLICA DE JESUS DE NAZARÉ

VITÓRIA-ES  
2021

MARCELLO LIBERATO DE MACEDO MONTEIRO

RESSURREIÇÃO SIMBÓLICA DE JESUS DE NAZARÉ

Artigo de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em  
Teologia da Faculdade Unida de Vitória.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

VITÓRIA-ES  
2021

MARCELLO LIBERATO DE MACEDO MONTEIRO

RESSURREIÇÃO SIMBÓLICA DE JESUS DE NAZARÉ

Artigo de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em  
Teologia da Faculdade Unida de Vitória.

Data:

Abdruschin Schaeffer Rocha, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).

Convidado 1, Doutor .....

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha linda namorada e esposa, Marisa Buriche Coutinho Liberato de Macedo Monteiro, que esteve comigo durante todo o curso, dando-me o incentivo indispensável para seguirmos adiante, até a sua conclusão. A ela o meu carinho e gratidão de sempre.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Criador, por motivos que transcendem as próprias palavras;

à minha linda e amada esposa, Marisa Buriche Liberato, por todo o carinho, atenção e incentivo recebidos durante esta caminhada acadêmica;

à minha amada e linda mãe, Emily Liberato de Macedo, por ter, inúmeras vezes, pedido para eu não desistir de concluir o presente curso, incentivo que foi fundamental para a minha conclusão;

ao Diretor da Faculdade Unida de Vitória, Professor Doutor Wanderley Pereira da Rocha, pelo êxito em fazer com que esta renomada instituição de ensino superior alcançasse o grau de excelência em seu corpo acadêmico, com professores de altíssimo gabarito, incluindo o próprio diretor;

a todo o corpo administrativo da Faculdade Unida de Vitória, composto por profissionais que sempre demonstraram empenho, eficiência e boa vontade para atenderem nossas inúmeras demandas acadêmicas;

ao professor doutor Abdruschin Schaeffer Rocha, do qual recebi a prestimosa e profícua orientação, indispensáveis para a conclusão deste trabalho.

EPÍGRAFE

“O que seria de nós, sem o socorro  
das coisas que não existem?”  
Rubem Alves

## RESUMO

A defesa intransigente da ressurreição do corpo físico de Jesus de Nazaré, como imprescindível para o cristianismo, é um dogma cristão que tem levado muitas pessoas do século XXI a não crerem que Ele está vivo entre nós, constituindo assim, tal dogma, um componente restritivo, desprovido de plausibilidade, impedindo que se tenha uma visão mais ampla da ressurreição de Jesus de Nazaré. A necessidade da apropriação da linguagem simbólica na interpretação do texto sagrado é indispensável para não restringirmos, apequenarmos, a dimensão transcendente da fé cristã. Com isso, demonstraremos que a compreensão da ressurreição de Jesus de Nazaré deve extrapolar seu corpo físico, que passa a ser um “mero detalhe”, compreendendo que sua ressurreição aconteceu no “mundo da transcendência”, do simbolismo, tornando-o ressurreto em nossos corações, como um acontecimento espiritual. Dessa forma, a fé em sua ressurreição espiritual tornar-se-ia tão mais profunda e consistente que, mesmo que encontrassem a ossada de Jesus de Nazaré, em nada seria abalada, e poderíamos continuar a afirmar (como sempre o faremos): Ele vive e está entre nós!

Palavras-chave: Medo. Morte. Ressurreição. Fé. Plausibilidade.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A CONSCIÊNCIA E A ANGÚSTIA DA MORTE.....	9
1.1 O medo da morte e a luta pela vida.....	9
1.2 A morte: incômodo social permanente.....	11
2 LIMITES DA VISÃO CARTESIANA.....	13
2.1 Racionalismo em xeque.....	14
2.2 Predomínio da imagem – império da visão.....	15
2.3 A importância da linguagem simbólica.....	16
3 A RESSURREIÇÃO DE JESUS DE NAZARÉ.....	19
3.1 A ânsia de transcendência que nos habita.....	19
3.2 Rudolf Bultmann em sua tentativa de dar um mínimo de plausibilidade ao homem do século XX para interpretar a ressurreição de Jesus de Nazaré.....	21
3.3 Buscando integrar fé com plausibilidade.....	23
CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS.....	27

## INTRODUÇÃO

A ressurreição do corpo físico de Jesus de Nazaré sempre foi apontada pelo cristianismo como um dos seus mais importantes pilares – senão o mais importante para essa religião –, pois em sua prática e discurso religioso supera em muito todos os ensinamentos do Nazareno, que, se fossem praticados, revolucionariam qualquer sociedade em todos os seus aspectos: políticos, econômicos, ideológicos etc. Demonstraremos, contudo, que o dogma da ressurreição do corpo de Jesus de Nazaré obriga as pessoas a acreditarem em um acontecimento sem nenhuma plausibilidade, consistindo numa exigência que impede aqueles de visão mais cética e contemporânea a acreditarem efetivamente nesse dogma. Não refutaremos a fé na ressurreição, mas torná-la-emos mais plausível. Para isso, inicialmente demonstraremos que a crença na ressurreição de Jesus de Nazaré atende ao nosso clamor mais íntimo, qual seja, o medo da morte e sua conseqüente negação.

Em seguida demonstraremos a importância de nos apropriarmos da linguagem simbólica ao tratarmos da ressurreição – substituindo a crença no cadáver de Jesus que voltou à vida pela interpretação em linguagem simbólica a respeito. Para tanto, valer-nos-emos dos ensinamentos de renomados autores (a maior parte composta por insígnies teólogos) que escreveram sobre a temática em questão. A vida, nas mais variadas formas de expressão, exuberância e magnitude, extrapola o conceito. Diante do inefável, da transcendência impalpável, é imprescindível a utilização dos símbolos.

Ao final, pretendemos trazer à luz a ideia de não ser imprescindível a crença na ressurreição física de Jesus de Nazaré para de fato crer que ele vive entre nós – mesmo que se encontrem a ossada de Jesus de Nazaré, poderemos continuar afirmando, sem titubear, que Ele vive e está entre nós! Demonstraremos que o dogma da ressurreição corpórea de Jesus de Nazaré acaba sendo um “desserviço” ao cristianismo, dado que, em vez de agregar mais devotos, acaba servindo como fator inibidor, por desprezar o bom senso da média dos seres humanos do século XXI. A implausibilidade da ressurreição corpórea (o cadáver que volta à vida) de Jesus de Nazaré será demonstrada.

## 1 A CONSCIÊNCIA E A ANGÚSTIA DA MORTE

É imprescindível que tratemos da condição *sine qua non* da ressurreição, sem a qual ela não teria o menor sentido e nem sequer seria compreendida, qual seja, a morte. É justamente em razão da sua inevitabilidade que existem tantas especulações, crenças, mitos, esperanças etc., na tentativa de trocarmos o “ponto final” da morte por uma “vírgula”.

É sabido que os animais não humanos são destituídos da consciência de finitude, portanto, pela ausência de racionalidade que lhes permita articular pensamentos alheios aos seus instintos, a morte nunca foi um tormento para eles, excetuando quando se encontram em perigo iminente de perda da vida; nesse caso, contudo, toda a sua ação empreendida para fugir da morte é decorrente do seu instinto de sobrevivência.

Diferentemente, para nós, animais racionais, a morte, por mais remota que seja sua iminência, é objeto de uma gama de sentimentos: medo, curiosidade, pânico, tristeza, ou seja, é inegável que a morte gera um incômodo permanente na humanidade. A ciência, fruto do desenvolvimento da razão humana, autora de verdadeiros “milagres” em todas as áreas da existência, mantém-se incapaz de impedir a morte, bem como de responder as indagações dela decorrentes, fruto do nosso desejo de perpetuação da vida e dessa realidade “nua e crua”: estamos todos nos dirigindo à condição inexorável de meros cadáveres.

### 1.1 O medo da morte e a luta pela vida

Conforme bem destaca Beck, “[...] de todas as coisas que movem o homem, uma das principais é o seu terror da morte”.<sup>1</sup> O autor lembra que, “[...] depois de Darwin, o problema da morte como problema evolucionário ficou em destaque e muitos pensadores viram logo que se tratava de um grande problema psicológico para o homem”.<sup>2</sup> Beck até mesmo revela que reconhecemos como conduta efetivamente heroica o comportamento humano que revela destemor à morte, retratado por todos nós como genuíno ato de coragem; desafiar a morte consiste em desafiar a própria extinção, o que provavelmente torna esse ato heroico, corajoso, desde os nossos mais remotos ancestrais. O autor também escreve que a perspectiva da morte concentra soberbamente a mente do homem. A ideia da morte e o medo que ela produz perseguem o animal humano como qualquer outra coisa, e, portanto, esse medo atua como

---

<sup>1</sup> BECK, Ernest. *A negação da morte*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019. p. 21.

<sup>2</sup> BECK, 2019, p. 22.

“[...] uma das molas mestras da atividade humana, que se destina, preponderantemente, a evitar a sua fatalidade”;<sup>3</sup> na impossibilidade de vencer a morte, o homem se utiliza de inúmeros subterfúgios na tentativa de negá-la, a fim de amenizar, diminuir ou escamotear sua ideia, sob pena de viver atormentado por seu maior algoz.

O animal humano é caracterizado por dois grandes temores, dos quais os outros animais estão protegidos: o temor da vida e o temor da morte. O homem continuamente tenta se proteger do peso esmagador de seu mundo com seus inúmeros perigos. O homem se protege para não se perder nos devastadores apetites dos outros, para não cair nas “garras e presas dos homens, animais e máquinas”.<sup>4</sup> Conforme assevera o autor:

Como organismo animal, o homem sente em que tipo de planeta foi colocado – o apavorante, demoníaco frenesi no qual a natureza liberou bilhões de apetites de seres orgânicos individuais de todos os tipos. Isso sem falar em terremotos, meteoros e furacões, que parecem ter seus próprios apetites infernais. Cada coisa, para que possa se expandir prazerosamente, está sempre engolindo outras. Os apetites podem ser inocentes, por se constituírem numa dádiva da natureza, mas qualquer ser vivo apanhado nas malhas dessa infinidade de interesses contrários que agitam este planeta é uma vítima em potencial dessa mesma inocência – e o ser vivo, assim, se esquia da vida com medo de perder a própria vida.<sup>5</sup>

O homem, contudo, não consiste apenas numa “gota cega de protoplasma errante”,<sup>6</sup> mas numa criatura com nome e vivendo em um mundo de símbolos e sonhos, para além da matéria, o que o distingue definitivamente dos outros animais. Dessa forma, a ânsia natural do homem pela atividade de seu organismo e seu prazer em incorporar e se expandir podem ser alimentados ilimitadamente no terreno dos símbolos e, com isso, transcender sua natureza meramente animal, ingressando na esfera do intangível, da transcendência, buscando assim saciar seu desejo de imortalidade, o que nos remete ao próximo título.

## 1.2 A morte: incômodo social permanente

Não é difícil constatar que toda a sociedade ocidental desenvolve um esforço hercúleo para encobrir a ideia de morte; em nosso país, em particular, a própria velhice já sofre uma carga de preconceito considerável, “engolida” pelo culto à beleza juvenil; isso se dá em todos os segmentos da sociedade. O velho, por ser um “*outdoor*” explícito da decrepitude e finitude

---

<sup>3</sup> BECK, 2019, p. 23.

<sup>4</sup> BECK, 2019, p. 78.

<sup>5</sup> BECK, 2019, p. 78.

<sup>6</sup> BECK, 2019, p. 21.

humana, é permanentemente convidado a ocupar lugar de ostracismo, fora dos “holofotes” do *glamour* e exuberância demonstrados nas mídias sociais, em que aparecem jovens felizes protagonizando uma gama sem fim de propagandas de produtos de consumo, produtos esses que devem trazer também a ideia de algo duradouro, permanente, tanto quanto os belos sorrisos dos jovens que os apresentam (com muito esforço, e amparados pela longevidade dessa geração de idosos, estes estão mudando a mentalidade até então em voga, contrariando as críticas muitas vezes vindas do próprio seio familiar).

Atrélado a isso, Fontes descreve o texto de Wendel, uma interessante narrativa:<sup>7</sup>

Um dos maiores obstáculos para se chegar a um consenso sobre a plena realidade da vida corporal é a ampla difusão do mito de que o corpo pode ser controlado. Contraditoriamente, as pessoas adotam o mito do controle corporal em parte porque ele promete a proteção contra a ameaça representada pelo corpo rejeitado. A essência do mito do controle é a crença no fato de que é possível, mediante a adoção de algumas práticas e ações, ter o corpo que desejamos e prevenir doenças, deficiências e a morte. O que o torna um mito é o fato de as pessoas se apegarem a ele mesmo quando há evidências inegáveis contra ele e quando a maioria de suas versões são formuladas de tal modo que se tornam indestrutíveis diante das evidências que o negam.<sup>8</sup>

O incômodo da morte é tão expressivo que, mesmo inconscientemente, leva a um gasto constante de energia psicológica e física na tarefa de preservar a vida. Conforme observa Beck, “o próprio termo ‘autopreservação’ dá a entender um esforço contra alguma força de desintegração; o aspecto afetivo disso é o temor, o temor da morte”.<sup>9</sup> Obviamente, se todo esse temor se manifestasse em nossa consciência, clara e constantemente, não teríamos condições de “funcionar” normalmente. O temor deve ser reprimido de forma adequada, para nos manter vivendo com, ao menos, um pouco de conforto. Como Becker bem ressalta, “[...] reprimir significa mais do que guardar e esquecer o que foi guardado e o lugar onde o guardamos. Significa também um esforço psicológico constante no sentido de manter a tampa fechada e, no íntimo, nunca relaxar nossa vigilância”.<sup>10</sup>

---

<sup>7</sup> FONTES, Malu. O lugar da velhice na sociedade de consumo. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UnB, 2006, Brasília. *Anais...*Brasília: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006. [online].

<sup>8</sup> WENDELL, Suzan. *The rejected body*; feminist philosophical reflections on disability. London: Routledge, 1996. p. 206.

<sup>9</sup> BECK, 2019, p. 37.

<sup>10</sup> BECK, 2019, p. 37.

## 2 LIMITES DA VISÃO CARTESIANA

Acreditamos que o teólogo Leonardo Boff tenha razão ao afirmar que todos nós somos unânimes no que tange à percepção de que o *homo sapiens* está permanentemente em busca de sua superação. Para Boff, “[...] o verdadeiro homem é apenas um projeto”,<sup>11</sup> isso porque “ele ainda não nasceu”, muito embora esteja em suas entranhas esse desejo perene de se suplantar. O desejo latente no homem de se superar é encontrado em todas as culturas, “[...] seja na sua expressão mítica no pensamento selvagem, seja na sua formulação dentro do horizonte das utopias científicas do pensamento objetivo da Modernidade”.<sup>12</sup> Sabemos que isso dá porque a vida não se reduz ao que mostram os olhos e as mãos apalpam.

Em *O suspiro dos oprimidos*, Rubem Alves cita Feuerbach, nesse mesmo diapasão, ao mencionar que “[...] o homem nunca toma consciência de sua essência de forma direta. Ele não conhece o que ele é. A essência se revela por meio de uma série de símbolos cujo significado permanece oculto ao próprio sujeito”.<sup>13</sup> Nessa obra, Alves, em oposição à visão meramente cartesiana, racionalista, destaca que no discurso feuerbachiano a *alienação* é um conceito ambivalente e “não pode ser jogado pela janela como simples ilusão”.<sup>14</sup> Alves sugere que as “alienações venham a existir quando os projetos de realização do desejo, por parte do sujeito, defrontam-se com os obstáculos e as proibições do real”.<sup>15</sup> “[...] sob tais condições de repressão, a única forma de sobrevivência que lhes resta é a transformação do projeto de transformação e expressão num discurso simbólico em que os desejos assumem a forma de entidades”.<sup>16</sup> Em complemento, ele continua: “Se o discurso expressivo, desiderativo, utópico desaparecesse, como se preservaria o protesto e a esperança? Seriam engolidos pela repressão e se tornariam ajustados a ela”.<sup>17</sup>

Por essas e outras questões aqui examinadas, nota-se que a visão cartesiana,<sup>18</sup> racionalista, mostrou-se insuficiente aos reclames mais íntimos da espécie humana, a qual traz consigo uma natural tendência ao desejo de suplantar o mundo que a cerca, não se contentando com os limites impostos pelos cinco sentidos. Há um pássaro alado dentro de cada um de nós, desejoso de se desvencilhar das correntes que o impedem de voar, de

<sup>11</sup> BOFF, Leonardo. *A nossa ressurreição da morte*. 11. ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2012. p. 11.

<sup>12</sup> BOFF, 2012, p. 11.

<sup>13</sup> ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 43.

<sup>14</sup> ALVES, 2003, p. 48.

<sup>15</sup> ALVES, 2003, p. 48.

<sup>16</sup> ALVES, 2003, p. 48.

<sup>17</sup> ALVES, 2003, p. 49.

<sup>18</sup> DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

transcender. Com isso o racionalismo não atende, em seu formato cartesiano, os reclames do ente humano em sua plenitude.

## 2.1. Racionalismo em xeque

Acontece que, como bem salientou José María Mardones:

A modernidade sentiu a tentação de se edificar sobre uma experiência e uma razão sem mediações. Queria ter acesso direto à realidade, a toda realidade, e levantava suspeitas contra as presumidas referências ou relações com realidades invisíveis ou impossíveis de serem captadas de forma empírica e logicamente constatável.<sup>19</sup>

Contudo, apesar de todos os avanços técnicos e científicos no século passado, fomos responsáveis pela produção de “montanhas de cadáveres”,<sup>20</sup> como bem diz o referido autor, ficando patente a experiência da desumanização e da barbárie. O racionalismo, dessa forma, passou a ser colocado em xeque – precisávamos encontrar respostas para além da nossa razão, pois esta demonstrava inequivocamente lacunas, fissuras a serem preenchidas. Nesse contexto, como menciona Mardones, “assistimos a uma mudança de clima que se posiciona diante da perda de dimensões da razão e da experiência em nossa denominada modernidade”.<sup>21</sup> Diante desse quadro, foi necessário encontrar elementos para preencher essas “fissuras”, “lacunas”, deixadas pela modernidade, surgindo assim a necessidade de se suplantar a visão estritamente racional, o que somente foi possível pela utilização do elemento simbólico. Mardones, a respeito, esclarece:

Trata-se de descobrir dimensões da razão e da vida humanas que vão além do presente, empiricamente visível ou constatável e logicamente formulável. Percebe-se a necessidade de levar em conta tais dimensões para dar razão à própria realidade e poder levar uma vida humana digna e sadia.<sup>22</sup>

Ele afirma que “toda religião é um universo simbólico”,<sup>23</sup> isso logicamente é aplicável ao cristianismo. Sabemos que o elemento simbólico é, de certa forma, uma ameaça ao fundamentalismo cristão e de qualquer outra religião, em especial as chamadas “religiões do

---

<sup>19</sup> MARDONES, José María. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 9.

<sup>20</sup> MARDONES, 2006, p. 9.

<sup>21</sup> MARDONES, 2006, p. 9.

<sup>22</sup> MARDONES, 2006, p. 9.

<sup>23</sup> MARDONES, 2006, p. 11.

livro”, a saber, judaísmo, islamismo e o próprio cristianismo, que tratam a letra do texto sagrado como algo a ser seguido e interpretado exatamente conforme consta no texto, sem nenhum tipo de questionamento, crítica ou concepção simbólica – os fundamentalistas entendem, em regra, que aqueles que fazem qualquer tipo de questionamento ao texto sagrado são hereges, e, por conseguinte, perigosas à genuína fé. Segundo o autor, “[...] estamos vivendo um momento no qual, entre outras recuperações, temos que revitalizar a dimensão simbólica no cristianismo, se este quiser responder aos desafios da sensibilidade atual e, sobretudo, ser fiel a si mesmo”.<sup>24</sup>

## 2.2 Predomínio da imagem – império da visão

Ainda com embasamento na obra de Mardones, verificamos que vivemos uma situação paradoxal, em que “[...] quanto mais cresce o império da imagem em nossas sociedade e cultura, tanto mais define a presença do símbolo”.<sup>25</sup> O símbolo, segundo o autor, “[...] vive da evocação e inspiração do ausente. Por esse motivo, não se dá bem com a pretensão de exibição da civilização da imagem”.<sup>26</sup> Somos uma civilização presidida pelo anseio de ver conceitualmente, e quanto mais e mais claro, melhor. Daí a autoridade da imagem, que “vale mais do que mil palavras”, ou o valor que se concede ao testemunho do ver.

Ele continua: “Assim, chegamos à atual apoteose da imagem. Queremos dizer, contar, expressar tudo em imagens; a ponto de o que não existe em imagens não existe na realidade”.<sup>27</sup> O autor vai mais além: “O predomínio da cultura da imagem nos roubou a interioridade. O anseio de vê-la toda levou ao desejo de mostrá-la toda, inclusive o interior do sujeito. Quisemos trazer à luz a introspecção, e esta se converteu em exibicionismo”.<sup>28</sup> Triste constatação.

Não é difícil perceber no cotidiano a tirania imposta pela cultura da imagem na atualidade. Trata-se de uma verdadeira força avassaladora. Com a explosão das mídias sociais, as pessoas fora dessa rede virtual se sentem invisíveis sociais, à margem da tecnologia, prejudicando, inclusive, sua vida profissional. A rede virtual/social é uma

---

<sup>24</sup> MARCONES, 2006, p. 11.

<sup>25</sup> MARCONES, 2006, p. 17.

<sup>26</sup> MARCONES, 2006, p. 17.

<sup>27</sup> MARCONES, 2006, p. 19.

<sup>28</sup> MARCONES, 2006, p. 20.

realidade que, tudo indica, não retroagirá; muito pelo contrário: tornar-se-á, provavelmente, cada vez mais abrangente e indispensável para a vida em sociedade. A força da linguagem imagética chegou a proporções impensáveis, a ponto de ser utilizada para “despertar sentidos e apresentar e/ou representar realidades como recursos de persuasão dirigidos aos visitantes dos sites”.<sup>29</sup>

Como advertência, o autor salienta: “A imagem que procura expressar tudo e não permite a distância do inefável incorre na materialização de todos os desejos. [...] Uma espécie de hiper-realização que termina na alienação. O sujeito, a pessoa, está toda aí, plena, clara e virtualmente, mas não verdadeiramente”.<sup>30</sup> Em seguida compartilha a seguinte dúvida: “Não está claro se, por trás da avalanche de imagens icônicas, cinematográficas e televisivas, de vídeo e internet, teremos capacidade imaginativa maior ou se nossa imaginação ficará anestesiada”.<sup>31</sup> E completa:

Há indícios que sugerem que o crescente aumento dos espectadores ou consumidores passivos nos pode levar a uma sociedade de teleservos [...] indivíduos dependentes das mensagens que os ‘senhores do ar’ nos enviam, consumidores de mensagens, notícias, variedades, produtos manufaturados por alguém que converterá o espectador em massa.<sup>32</sup>

### 2.3 A importância da linguagem simbólica

Conforme já dito, o ser humano não obteve plenitude em sua visão puramente racionalista, cartesiana, iniciada no período iluminista. Chegou ao século XX com expressivas fissuras em seu “pensamento cartesiano”, por este não ter atendido aos clamores que extrapolavam o mundo dos sentidos. O *homo sapiens* tem em si uma inquietude que transborda a sua racionalidade.

Voltando a Mardones, “o ser humano tem a experiência de uma ferida profunda: sente o rompimento do desajuste com o que está ao seu redor. É um ser constitutivamente desajustado, não se encaixa, como os animais, em seu meio”.<sup>33</sup>

<sup>29</sup> ZUTIM, Sueli. *Notícia virtual: um olhar sobre a linguagem imagética*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009. [online].

<sup>30</sup> MARDONES, 2006, p. 21.

<sup>31</sup> MARDONES, 2006, p. 24.

<sup>32</sup> MARDONES, 2006, p. 24.

<sup>33</sup> MARDONES, 2006, p. 69-70.

**[HF1] Comentário:** Acrescentei este sinal de ruptura por entender que há pouca distância entre as duas citações no texto, já que há somente um número de nota de rodapé para as duas.

O século XX produziu duas guerras mundiais que geraram mais de cem milhões de mortos, tornando-se palco de um “laboratório” de extermínio em massa, de forma burocraticamente organizada e industrial. Com perspicácia, Mardone analisa essa questão, lançando ao final uma indagação: “Esse amontoado de cadáveres e de sofrimento clama ao céu e questiona a existência de um sentido. Será o sem-sentido a última palavra da existência humana?”<sup>34</sup>

Não precisamos ser tão esclarecidos para constatar que, numa sociedade demasiadamente capitalista, o sentido não é por nós escolhido, mas imposto.<sup>35</sup> Podemos sintetizar tal assertiva da seguinte forma: vivo para consumir; consumo para viver. Acontece que essa “roda viva” não demora a dar sinais de estafa física, emocional e psicológica, a médio e longo prazo, levando o “símbolo” que nos foi imposto ao esgotamento pessoal. Daí, esgotados física e emocionalmente, agora ainda mais conscientes de que as coisas palpáveis representam muito pouco para o anseio que brota do mais profundo do ser, busca-se algo que ainda não se sabe o que é, como se estivéssemos “tateando no escuro”. Conforme descreve Mardones:

A vida humana é esforço ingente para criar sentido e viver a realidade com sentido. O empreendimento social, em todas as variadas formas de construção da realidade, é uma aventura maravilhosa e engenhosa para não se entregar nas mãos do caos, da ruptura e das trevas do espanto. Toda a *cultura* nada mais é do que o resultado desses esforços de criação e também o próprio impulso criativo. No fundo, por trás da arte, da religião, da ciência e de qualquer manifestação humana, podemos ver o mesmo esforço para esconjurar os demônios da monstruosidade grudados em nossas costas.<sup>36</sup>

E interroga Mardones: “Como realizar façanha tão grande? Com quais meios o ser humano conta para suturar, ou melhor, para tentar estancar tamanha cisão?”<sup>37</sup> Ele então arremata:

Temos que responder drasticamente [...] com uma só palavra: o símbolo. As construções ou formas simbólicas, numa palavra, a cultura, são os instrumentos que o ser humano possui e dos quais se dota para dar sentido e para suturar a ferida aberta na existência e em todas as suas realizações.<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> MARDONES, 2006, p. 71.

<sup>35</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2008.

<sup>36</sup> MARDONES, 2006, p. 71.

<sup>37</sup> MARDONES, 2006, p. 71.

<sup>38</sup> MARDONES, 2006, p. 71-72.

O problema, conforme brevemente exposto, se configura quando o sentido é imposto e “escraviza”, domina, o que remete a outra questão bem trabalhada em uma obra cujo título já sintetiza o tema: *A tirania do sentido: uma introdução a Nietzsche*.<sup>39</sup> A questão levantada pelo autor já de início implicitamente remete à filosofia de Schopenhauer, que ao indagar “qual o sentido da vida?”,<sup>40</sup> já propunha a resposta: “Não há um sentido prévio para o mundo; a existência é absurda”.<sup>41</sup>

Acontece que diante de toda a perplexidade derivada do próprio “absurdo da existência da vida” e da inevitável morte, não conseguimos, por muito tempo, abafar ou distrair esse clamor, essa necessidade de sentido que urge, grita, clama de dentro de nós. Daí, diante da constatação da falta de sentido, do esgotamento dos “sentidos” que nos foram impostos (consumidor/mercadoria), resta-nos apenas, ainda que “tateando no escuro”, procurar refúgio na “linguagem simbólica”. E é justamente por meio desse artifício que chegamos ao ponto central deste trabalho: a ressurreição de Jesus de Nazaré.

---

<sup>39</sup> BILATE, Danilo. *A tirania do sentido: uma introdução a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

<sup>40</sup> BILATE, 2011, p. 5.

<sup>41</sup> BILATE, 2011, p. 6.

### 3 A RESSURREIÇÃO DE JESUS DE NAZARÉ

Começamos este terceiro título com uma afirmação de Leonardo Boff: “[...] a ressurreição não é diretamente um fato histórico, possível de ser detectável pelo historiador. Trata-se de um fato que ocorreu em Jesus, lastreado na fé encontrada nos testemunhos dos que viram Jesus depois de ter sido crucificado”.<sup>42</sup> Continua Boff: “[...] a nova vida de Jesus de Nazaré não cai sob categorias biológicas (onde reina a morte), mas pertence já à esfera divina da vida eterna”.<sup>43</sup> A argumentação do autor prossegue: “[...] é justamente por isso que o fato-ressurreição entra na ordem do mistério que rompe as categorias do espaço e do tempo. Seu anúncio só pode ser revelado e, se for manifesto dentro da história, o será velado por símbolos e aparições”.<sup>44</sup> Na mesma obra Boff explica que as categorias para revelar esse novo modo de existir do Nazareno são determinadas pelo ambiente da época: “Ele é elevado junto a Deus, está sentado à direita de Deus, é entronizado como Filho de Deus em poder, foi feito Kyrios e Juiz universal etc”.<sup>45</sup> Para o teólogo essa “fórmula” é adotada pelo “esquema apocalíptico da humilhação-elevação do justo na interpretação do sepulcro vazio e das aparições”.<sup>46</sup> E sustenta que “os mesmos fatos foram interpretados também dentro das categorias escatológicas de ressurreição dentre os mortos”.<sup>47</sup>

#### 3.1 A ânsia de transcendência que nos habita

É pertinente destacar a centralidade que a ideia de imortalidade adquire em um período como o Iluminismo e na religiosidade do século XIX, ou seja, em um ambiente racionalista que, à primeira vista, pareceria ser radicalmente hostil a ela.

Muito embora não faça parte de suas páginas mais enfáticas, Kant atribui à ideia de imortalidade uma origem vinculada à razão prática, essa sim a parte principal de sua filosofia. Para Kant, “[...] somente a ideia de imortalidade como postulado intrínseco possibilita salvaguardar a coerência da pessoa como ser moral, superando a terrível discrepância

---

<sup>42</sup> BOFF, Leonardo. *A nossa ressurreição na morte*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 43.

<sup>43</sup> BOFF, 2012, p. 43-44.

<sup>44</sup> BOFF, 2012, p. 43-44.

<sup>45</sup> BOFF, 2012, p. 44.

<sup>46</sup> BOFF, 2012, p. 44.

<sup>47</sup> BOFF, 2012, p. 44.

empírica entre a virtude e a felicidade”.<sup>48</sup> Queiruga acrescenta: “[...] por isso a religião se converte no lugar filosófico da esperança”.<sup>49</sup> Antecedendo Kant, conforme expõe Queiruga em seu livro em destaque, Espinosa já havia afirmado, no final de *Ética*, que “[...] sentimos e experimentamos que somos eternos”.<sup>50</sup>

O fato é que, desde os tempos mais remotos, conforme mencionamos no início deste trabalho, ao tratarmos do “medo da morte”, todos nós percebemos isso em nossa vontade de viver, que por vezes surpreende até a nós mesmos diante da terrível fragilidade da vida. Como diz Queiruga, trata-se de

[...] uma espécie de voto de confiança que a ‘sabedoria do corpo’ – mais profunda às vezes que a da consciência explícita – outorga à perenidade de nosso ser, como se intuísse que, subjacente à sua aparente contingência, brilha uma chama inextinguível de eternidade.<sup>51</sup>

Queiruga chama a atenção para o modo como vários autores já arrazoaram sobre experiências de “ressurreição”, enfatizando como a ressurreição se antecipou e de algum modo foi vivenciada mediante arte, amor correspondido, encontro autêntico, conhecimento participativo, superação ética ou sofrimento superado; todos esses elementos seriam, segundo o autor, exemplos de que “[...] a unidade corpo-alma é experimentada como uma descoberta ‘milagrosa’ da própria integridade: como ‘o milagre por meio do qual descobro que sou mais e diferente daquilo que antes havia imaginado’”.<sup>52</sup>

Mais uma vez é oportuno destacar as palavras de Rubem Alves: “[...] a religião é uma expressão de desejo (a essência humana que se rebela contra a repressão) e uma expressão de esperança da realização do desejo”.<sup>53</sup> Em seguida, Alves indaga: “Se o discurso expressivo, desiderativo, utópico desaparece, como se preservariam o protesto e a esperança? Seriam, talvez, engolidos pela repressão e se tornariam ajustados a ela”.<sup>54</sup>

---

<sup>48</sup> KANT, Emanuel. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Lisboa edições, 1989. p. 153-155.

<sup>49</sup> QUEIRUGA, 2010, p. 202.

<sup>50</sup> QUEIRUGA, 2010, p. 202.

<sup>51</sup> QUEIRUGA, 2010, p. 203.

<sup>52</sup> QUEIRUGA, 2010, p. 202-204.

<sup>53</sup> ALVES, 2003, p. 49.

<sup>54</sup> ALVES, 2003, p. 50.

### 3.2 Rudolf Bultmann em sua tentativa de dar um mínimo de plausibilidade ao homem do século XX para interpretar a ressurreição de Jesus de Nazaré

Bultmann já inicia a obra *Demitologização*, dando o tom que norteará suas concepções referentes à ressurreição de Jesus de Nazaré: “A concepção do universo do Novo Testamento é mítica”.<sup>55</sup> E mais adiante diz: “À concepção mítica do universo corresponde a exposição do acontecimento salvífico, que constitui o conteúdo verdadeiro da proclamação neotestamentária”.<sup>56</sup>

Os elementos individuais, segundo Bultmann, podem ser facilmente descobertos na mitologia contemporânea da apocalíptica judaica e no mito gnóstico da redenção. Bultmann acrescenta: “Em se tratando de linguagem mitológica, ela é inverossímil para o ser humano de hoje, pois para esse a concepção mítica do universo é algo do passado”.<sup>57</sup> Dessa forma, a proclamação cristã de hoje se defrontaria com a questão de ela esperar do ser humano a aceitação da concepção mítica de outrora do universo, quando o conclama à fé. Bultmann entende que, no caso de ser impossível essa condição ao homem contemporâneo, então deveria ser indagado se a proclamação do Novo Testamento é verdadeira, independentemente da concepção mítica do universo. O autor sugere, nesse caso, a demitologização da proclamação cristã. Segundo o teólogo, “o pensamento moderno, transmitido a nós por nossa história, tem como consequência a crítica à concepção neotestamentária do universo”<sup>58</sup> que tornaria ainda mais necessária a sua demitologização.

E quanto a questão deste trabalho, que busca lançar uma luz à ressurreição de Jesus de Nazaré que atenda às exigências do homem contemporâneo médio?

Bultmann buscou justamente atender essa demanda. Na obra em tela ele lança a pergunta: “A ressurreição de Cristo, porém, não é ela um evento mítico por excelência?”<sup>59</sup> Para Bultmann, a ressurreição do Nazareno não pode ser um ato miraculoso de autenticação, mensurável, detectável, objetivo, para então se crer em Jesus com segurança, pois, além de ela ser inverossímil como evento mítico – o retorno de um cadáver à vida do mundo imanente (essa é a situação quando o ressureto é conhecido com os sentidos humanos) – também não é razoável afirmar o significado salvífico pela fé mediante outra fé, qual seja, a da ressurreição. Continua o autor:

---

<sup>55</sup> BULTMANN, Rudolf. *Demitologização* – Coletânea de Ensaios. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1999.

<sup>56</sup> BULTMANN, 1999, p. 6.

<sup>57</sup> BULTMANN, 1999, p. 6.

<sup>58</sup> BULTMANN, 1999, p. 8.

<sup>59</sup> BULTMANN, 1999, p. 41.

[...] a ressurreição de Cristo é objeto da fé porque expressa muito mais do que o retorno de um defunto à vida imanente, porque é um evento escatológico. Precisamente por não poder ser um ato miraculoso de autenticação. Pois o ato miraculoso, independentemente de ser verossímil ou não, nem sequer testifica o fato escatológico do aniquilamento do próprio poder da morte. Ademais, na esfera do pensamento mítico, nem sequer se trata de algo inaudito.<sup>60</sup>

Para Bultmann, portanto, a ressurreição não é um evento mítico, capaz de tornar verossímil o significado da cruz, pois a própria ressurreição é crida, tanto quanto o significado da cruz. Ele enfatiza:

[...] a fé na ressurreição não é outra coisa do que a fé na cruz como evento salvífico, na cruz como cruz de Cristo. Não se pode, portanto, crer primeiro em Cristo e a seguir em sua cruz; ao contrário, crer em Cristo significa crer na cruz como cruz de Cristo. Não é o evento salvífico por ser a cruz de Cristo, mas por ser o evento salvífico, é a cruz de Cristo. Afora isso, trata-se do fim trágico de um nobre ser humano.<sup>61</sup>

O acontecimento salvífico narrado não é miraculoso, sobrenatural, mas um fato histórico, marcado no tempo e no espaço. Ao expô-lo como tal, despidendo a roupagem mitológica, Bultmann entende ter seguido a intenção do novo Testamento,

[...] trazendo à sua plena validade o paradoxo da proclamação neotestamentária: a saber, o paradoxo de que o enviado escatológico de Deus é um ser humano histórico-fatual concreto, que a ação escatológica de Deus se efetua na sorte de um ser humano, que, portanto, se trata de um acontecimento que, enquanto escatológico, não pode ser evidenciado mundanamente.<sup>62</sup>

Para o autor tal raciocínio constitui um paradoxo formulado naquele que “[...] se esvaziou a si mesmo” (Fp 2.7), ou naquele que, “[...] sendo rico, tornou-se pobre” (2 Co 8.9); no Deus que “enviou seu filho em figura de carne pecaminosa” (Rm 8.3); e, ainda, finalmente, no clássico “[...] Verbo [que] se fez carne” (Jo 1. 4).

Bultmann destaca que todas essas afirmações são um “escândalo” de superação impossível no diálogo filosófico e viabilizada apenas na fé obediente. Em regra, os fenômenos são sujeitos à abordagem historiográfica, sociológica e psicológica, contudo, os fenômenos escatológicos somente podem ser abordados pela fé.

---

<sup>60</sup> BULTMANN, 1999, p. 42.

<sup>61</sup> BULTMANN, 1999, p. 43.

<sup>62</sup> BULTMANN, 1999, p. 45.

O autor conclui afirmando que justamente a impossibilidade de evidenciar os fenômenos escatológicos “protege a proclamação cristã da acusação de ser mito; ao contrário, afirma-se o paradoxo da presença do Deus transcendente na história: ‘O Verbo se fez carne’”.<sup>63</sup>

### 3.3 Buscando integrar fé com plausibilidade

Roger Haight, em *Jesus, o símbolo de Deus*, observa:

Até o século XIX, a crença na ressurreição de Jesus era um dado inabalável e incontroverso no cristianismo ocidental. O Iluminismo e a crítica histórica do século XIX, no entanto, suscitaram uma série de questionamentos. A razão pôs em xeque a plausibilidade de que uma pessoa seja ressuscitada dentre os mortos e faça aparições públicas. Quando se aplicou a historiografia crítica aos textos bíblicos, a historicidade das narrativas da ressurreição foi posta em dúvida.<sup>64</sup>

Ainda nesse diapasão, Haight continua sua explanação:

[...] Por um lado os evangelhos apresentam o que parecem ser relatos objetivos acerca de um túmulo vazio que é descoberto, da aparição de Jesus aos discípulos, de sua vívida interação com eles. Por outro lado, abordar esses textos ingenuamente, como simples narrativas descritivas, é produzir uma leitura equivocada deles, o que na realidade não são. E lê-los de uma maneira tão equivocada para estimular uma crença ingênua e infantil não contribui para que os cristãos integrem a própria fé às demais dimensões da vida.<sup>65</sup>

Com relação ao tema, John Hick assim se pronuncia:

É evidente que a experiência profunda e totalmente cativante vivida pela primeira comunidade cristã pós-pascal foi de um espírito vivente, espírito identificado por eles como o espírito de Jesus ressuscitado, que brotava de dentro deles em nível individual e coletivo e que os atraía para uma forma de vida nova, alegre e revigorante, plena de um sentido positivo e livre dos temores assediadores do mundo antigo – temores de demônios, do destino, do pecado e da morte.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> BULTMANN, 1999, p. 46.

<sup>64</sup> HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 149.

<sup>65</sup> HAIGHT, 2003, p. 149.

<sup>66</sup> HICK, 2000, p. 154.

Geza Vermes, em *Ressurreição: história e mito*, busca uma concepção que atenda tanto os mais crédulos quanto os mais céticos.<sup>67</sup> O teólogo demonstra que se ater à questão da corporeidade de Jesus após sua morte, concentrando nela o significado de sua ressurreição, não seria a postura mais adequada, posto que a hipótese da ressurreição corpórea, além de refutada pela ciência, por questões óbvias, traz em seu cerne algumas hipóteses que a fragilizam: a) O corpo foi removido por alguém não ligado a Jesus; b) o corpo de Jesus foi furtado por seus discípulos; c) o túmulo vazio não era o túmulo de Jesus; d) enterrado vivo, Jesus deixou o túmulo. São várias as hipóteses, e por mais que qualquer uma delas pareça absurda, nenhuma supera, nem de longe, o absurdo da ideia da ressurreição física de Jesus, até porque todas as hipóteses mencionadas circunscrevem-se ao campo do possível, e algumas até do plausível, enquanto a ressurreição corpórea de Jesus de Nazaré, nos moldes da fé proclamada, habita na esfera da absoluta impossibilidade físico-científica.

Crossan, ao tratar da ressurreição corporal de Jesus, inicia com o seguinte destaque da obra de Sawicki:

As narrativas evangélicas mencionam um suave amortalar, um magnânimo sepultamento e uma extremosa vigília ao lado do túmulo; mas uma cova coberta de cal é muito mais provável...A cal devora o corpo rápida e higienicamente. Por isso não encontramos praticamente nenhum resto esquelético dos milhares de crucificados do lado de fora de Jerusalém no século I [...] Os pequenos famintos, sempre com a Igreja, são a razão pela qual é preciso asseverar categoricamente que a ressurreição de Jesus foi corporal, para a fé cristã. Não há espaço para a bela cunha da metáfora intermeter-se neles, que são o corpo do Senhor ressuscitado e o Jesus real.<sup>68</sup>

Enfim, muitas são as hipóteses para a rejeição da ideia da ressurreição corporal de Jesus de Nazaré, principalmente em nosso momento histórico, classificado como “pós-moderno”. O cristianismo deve reavaliar o que, de fato, é essencial na fé cristã, sob pena de manter “obstáculos”, “pedras de tropeço” desnecessárias, para que pessoas de concepção mais espiritualista entendam a essência dos evangelhos e da ressurreição simbólica (não física) de Cristo.

Ainda nessa linha de reflexão, destacamos o pensamento do teólogo Leonardo Boff:

Em nenhum dos quatro Evangelhos a descoberta do sepulcro vazio é um argumento convincente em favor da verdade do anúncio pascoal. Ela não causou a fé, mas o medo e a fuga (Mc 16.8; Lc 24.5; Mt 27.8). O tema do sepulcro vazio é tão

<sup>67</sup> VERMES, Geza. *Ressurreição: história e mito*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

<sup>68</sup> SAWICKI, Marianne, 1994 *apud* CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 33-34.

secundário que não deve ser contado como condição para a verdadeira fé na ressurreição.<sup>69</sup>

No que diz respeito ao “sepulcro vazio”, exegeticamente não é possível resolver a questão, pois uma análise puramente histórica revela várias razões, tanto para a afirmação como para a negação, conforme reflete Queiruga:

[...] houve uma mudança importante, no sentido que já são muitos os autores que fazem a fé na ressurreição independe da postura que se adote a respeito: reconhece-se que podem crer nela tanto os que pensam que o sepulcro ficou vazio como os que afirmam o contrário.<sup>70</sup>

Para Queiruga, independentemente dos “[...] apegos imaginários que representam o Ressuscitado como alguém que retornou sob uma figura (mais ou menos) terrena, e considerando em toda a sua seriedade o caráter transcendente da ressurreição”<sup>71</sup>, perde-se objetivamente a importância do cadáver – o resultado vivencial e religioso é o mesmo em ambos os casos. Queiruga esclarece:

[...] Uma realidade pessoal tão identificada com Deus, cuja presença pode ser identificada simultaneamente em uma aldeia africana ou em uma metrópole europeia, que não é visível nem palpável: em suma, uma realidade que está totalmente acima das leis do espaço e do tempo não pode sustentar nenhuma relação *material* com um corpo espaciotemporal.<sup>72</sup>

O autor assevera que o Ressuscitado é invisível e intangível tanto para quem afirma que o sepulcro ficou vazio como para quem defende o contrário.<sup>73</sup> E arremata: “[...] Isso é importante, pois o que, no fundo e com toda a legitimidade, a afirmação do sepulcro vazio pretende salvaguardar é a *identidade do Ressuscitado*; é também isso que se tenta expressar com o simbolismo da ‘ressurreição da carne.’”<sup>74</sup>

Conforme menciona Boff, “[...] o corpo da existência renovada (Cristo) não vem do sepulcro, mas do céu”.<sup>75</sup> Boff explica que “[...] a ressurreição não quer dizer glorificação do corpo terrestre, mas autêntica nova criação de Deus”.<sup>76</sup> E lança a seguinte indagação: “Já a

---

<sup>69</sup> BOFF, 2012, p. 45.

<sup>70</sup> QUEIRUGA, 2010, p. 270.

<sup>71</sup> QUEIRUGA, 2010, p. 270.

<sup>72</sup> QUEIRUGA, 2010, p. 270.

<sup>73</sup> QUEIRUGA, 2010, p. 270.

<sup>74</sup> QUEIRUGA, 2010, p. 270.

<sup>75</sup> BOFF, 2012, p. 45.

<sup>76</sup> BOFF, 2012, p. 45.

biologia nos diz que de 7 em 7 anos quase todas as células de nosso corpo biológico são renovadas. Com que corpo haveremos de ressuscitar?<sup>77</sup>

---

<sup>77</sup> BOFF, 2012, p. 45.

## CONCLUSÃO

De todo o exposto, tecemos inúmeras abordagens, objetivando encontrar um liame, um ponto de convergência, construindo, dentro do possível, uma “ponte” entre a visão de um ser humano de intelecto médio do século XXI e uma fé formulada nos primeiros séculos da era cristã.

Dessa forma, primeiramente trouxemos à luz uma questão que entendemos como relevante, antes de entrarmos a questão da ressurreição de Jesus de Nazaré propriamente dita: nós, humanos, temos medo da morte e, por isso, naturalmente buscamos, das formas mais diferentes possíveis, escamoteá-la.

De pronto, já iniciamos o trabalho destacando a memorável obra *A negação da morte*, de Ernest Becker, uma vez que, antes de tudo, precisamos olhar a ressurreição com certa “suspeição”, como forma de prevenção de uma fé apelativa e cega, que se presta única e exclusivamente a nos eximir do incômodo da morte. Nossa intenção foi demonstrar que não nos renderíamos a meras “crendices pusilânimes”.

E assim, durante o desenvolvimento deste trabalho, reconhecemos a crença de que Jesus de Nazaré estar vivo (a morte não pôs fim a sua vida) tem lastro de plausibilidade; aqueles que seguiram o Nazareno creram que, após Ele ser crucificado e morto na cruz, a morte não o calou – Ele ainda vivia entre eles.

O estudo aqui conduzido levou a acreditar ser mais provável que as narrativas da ressurreição do corpo de Jesus de Nazaré (o cadáver que voltou a viver) tenham caráter simbólico, pelo qual as comunidades desejavam compartilhar sua crença na ressurreição do Nazareno. Entendemos que as narrativas contidas nos evangelhos sobre as aparições físicas de Jesus de Nazaré no mundo dos sentidos (comer peixe com discípulos após a morte; mostrar as mãos perfuradas a Tomé; ascender aos céus fisicamente, voando e subindo através das nuvens...) carecem de plausibilidade para o homem médio do século XXI. Diferentemente, a ressurreição espiritual, e não corporal, mostra-se mais harmônica no conjunto de todos os pontos descritos neste trabalho. Ademais, a crença na ressurreição espiritual está insuscetível às fragilidades da crença da ressurreição física. Como vimos neste trabalho, os discípulos de Jesus de Nazaré demonstraram com suas vidas que, de fato, creram que Ele estava vivo! Seria muito improvável que os discípulos passassem por uma mudança tão profunda, tão radical, tão altaneira, enfrentando todas as adversidades decorrentes de sua crença e de seu testemunho, arriscando a própria vida e até se entregando ao martírio, sem efetivamente crerem que Jesus de Nazaré estava vivo entre eles.

Concluimos também que a concepção da ressurreição de Jesus de Nazaré somente no plano simbólico, e não corporal, em vez de esvaziar os relatos dos evangelhos, alça-nos a um patamar mais elevado e robusto, fortalecendo ainda mais a fé na ressurreição de Jesus de Nazaré, na concepção espiritual, a ponto de, encontradas as ossadas do corpo do Nazareno, ainda diríamos: “Os ossos estão aqui, mas Ele, o filho de Deus, o Senhor dos Senhores, permanece entre nós”.

Dessa forma, acreditamos ter apresentado uma interpretação mais graciosa, no sentido de manter a crença na essência dos evangelhos e no Novo Testamento como um todo, sem que essa fé seja empecilho aos olhares mais céticos do homem do nosso século.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2008.
- BECK, Ernest. *A negação da morte*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- BÍBLIA de Jerusalém: nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2010.
- BILATE, Danilo. *A tirania do sentido: uma introdução a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.
- BOFF, Leonardo. *A nossa ressurreição da morte*. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BULTMANN, Rudolf. *Demitologização – Coletânea de Ensaio*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1999.
- CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FONTES, Malu. O lugar da velhice na sociedade de consumo. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UnB, 2006, Brasília. *Anais...Brasília: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/163257614735967566783786935922125953907.pdf> f. Acesso em: 12 jun. 2020.
- HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- HICK, John. *A metáfora do Deus encarnado*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HODGE, A. A. *Confissões de fé Westminster*. 2ª ed. São Paulo: Os puritanos, 1999.
- KANT, Emanuel. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Lisboa edições, 1989.
- MARDONES, José María. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006.
- QUEIRUGA, André Torres. *Repensar a religião*. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2010.
- VERMES, Geza. *Ressurreição: história e mito*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- WENDELL, Suzan. *The rejected body: feminist philosophical reflections on disability*. London: Routledge, 1996.
- ZUTIM, Sueli. *Notícia virtual: um olhar sobre a linguagem imagética*. Dissertação (mestrado)

- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/90154> Acesso em: 13 jun. 2020.